

COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 412

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazill, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento

BRAGA—SABBADO 23 DE OUTUBRO

Religião e politica.

Na questão que, sob esta epigrafe, havemos tratado por mais de uma vez nas columnas do «Commercio do Minho», temos a satisfação de ver ao nosso lado um dos mais eminentes escriptores religiosos do paiz—o illustre redactor do «Bem Publico».

Na frase do douto e indefesso athleta dos bons principios—a opinião de que a religião nada tem com a politica não pôde ser admittida por um verdadeiro catholico.

A's especiosas razões, com que alguém tem querido sustentar esta opinião, ou antes este erro, responde o redactor do «Bem Publico» com tanta copia de solidos e irrefutaveis argumentos, que não sabemos o que possa ali responder-lhes quem não quizer fugir de toda para o campo do solisma ou das declarações banaes, especie de logradouro commum dos defensores das ruins causas.

Não é menos vigorosa e irresponsivel a argumentação, com que o alludido escriptor religioso demonstra que as constituições modernas contem em si principios oppostos ao ensino da Igreja, o que não aconteceria por certo se os que as tem colleccionado não houvessem posto completamente de parte a religião, sem duvida porque para elles é também doutrina corrente—que a constituição politica dos povos é uma questão puramente local, com que a Igreja nada tem que entender.

Ora esta doutrina não nos admira na bocca dos publicistas liberaes, racionalistas e livres-pensadores; eache-nos porém de assombro quando é proferida por catholicos, que se dizem sinceramente addictos ao Papa e á Igreja, quando é certo que tão monstruosos principios já tem sido fulminados pela voz infallivel do Vigario de Jesus Christo. (Vejam-se especialmente as proposições LVI, do Syllabus citadas pelo «Bem Publico» sob os n.ºs 18 e 19.) Por isso mui bem diz o illustre escriptor, que os catholicos, que desejam, estimam e amam asaes constituições modernas, assim engendradas fóra de todo o influxo religioso, ou antes em sentido mais ou menos disfarçadamente hostil ao christianismo, não sabem o que fazem.

Entretanto ha um argumento, de que estes taes se servem para sustentar sua errada opinião, que deve ser respondido; e vem a ser o seguinte: Que o Chefe da christandade tanto não julga que a religião tenha coisa que ver com a politica, como as constituições, com as fórmulas de governo e com as mudanças dinasticas, que elle mesmo tem seus representantes accreditados junto dos governos liberaes, das dinastias, cuja legitimidade é contestada, e nos países, que se regem pelas constituições modernas.

Parece de tanta força este argumento aos nossos antagonistas, que não cessam de o repetir aos quatro ventos da terra.

Vae responder-lhes porém um notavel escriptor francez, Mr. Maupied, o qual, em sua interessante obra *Devoirs des Chrétiens devant l'Infaillibilité du Pontife Romain*, escreve o seguinte:

« Afim de obviar á má fé dos que se appoiam no procedimento necessario da Santa Sé para auctorisar e approvar as revoluções, a destruição dos governos legitimos e as usurpações dos governos de aventura ou de violencia, devemos lembrar aqui o decreto de Clemente V no Concilio ecumenico de Vienn; a decretal de João XXII a Roberto Bruce, que se intitulava rei de Escocia; a resposta de Pio II quando o imperador Frederico e Mathias, filho de João Huniade, disputavam entre si o reino de Hungria; a constituição de Xisto IV; as lettras de Cle-

mente XI a Carlos, archiduque d'Austria; e finalmente a bulla *Sollicitudo Ecclesiarum*, de Gregorio XVI, datada de 5 de agosto de 1831, pela qual fez saber ao mundo catholico, que não podia approvar a revolução franceza de 1830.

Todos estes decretos pontificios declararam que os Summos Pontifices, tratando os negocios da Igreja com os governos usurpadores, não entendem conferir-lhes nem reconhecer-lhes por esse acto auctoridade alguma, nem prejudicar os direitos dos soberanos legitimos destronados, mas querem unicamente prover á salvação das almas, cujo encargo receberam de Jesus Christo. Gregorio XVI, na sua bulla *Sollicitudo Ecclesiarum*, resumindo os decretos dos seus predecessores, expõe assim a regra de justiça seguida pela Santa Sé:

« Se pois tem sido tal e sempre o costume e a conducta da Sé Apostolica, de prover por toda a parte, sob as condições, que deixamos lembradas, á sã administração dos negocios da Igreja, de maneira que não pareça haver sancionado alguma disposição tocante ao reconhecimento e á declaração dos direitos dos soberanos; nós devemos presentemente, sobretudo no meio da grande instabilidade dos negocios politicos e de seus frequentes desconcertos, conformar-nos com esse mesmo procedimento, afim de que não pareça que abandonamos de algum modo a causa da Igreja por motivos humanos. E por isso mesmo... declaramos para de futuro que se, com o fim de regular os negocios do governo espirital da Igreja e dos fieis, alguma fóra qualificada e honrada por nós ou pelos nossos successores com o titulo de uma dignidade qualquer e mesmo real, ou seja de nossa sciencia certa, de viva voz, em uma constituição, ou por lettras e embaixadores enviados de parte a parte, ou de alguma maneira e modo proprio a reconhecer n'elle essa dignidade; se por as mesmas razões acontecer o tratarmos e conferirmos sobre qualquer materia com aquelles que estão á testa do governo, *qualquer que seja aliás a sua fóra*, nós declaramos que por semelhantes actos, ordenações e convenções d'este genero, não lhes será attribuido, adquirido ou confirmado direito algum, e que se não possa nem dêva tirar d'isso nenhum argumento contra os direitos e os privilegios dos outros, nem infirir d'ahi nenhuma prova desvantajosa ou desfavoravel. Assim nós ordenamos, decretamos e mandamos, que esta condição, relativa á conservação dos direitos das partes, se repete d'ora ávante como accrescentada aos actos d'este genero, declarando de novo, tanto em nosso nome como no dos nossos successores, que no meio d'essas diversas circumstancias dos tempos, dos logares e das pessoas, só buscamos as causas de Christo, e nos propomos unicamente, como fim de todas as nossas emprezas, aquillo que mais efficaçamente pôde contribuir para a felicidade espirital e eterna dos povos.»

Assim fica anniquilado o argumento tirado das relações diplomaticas mantidas pela Santa Sé com os diferentes governos filhos da revolução.

Quanto á conducta dos fieis deante d'essas leis engendradas fóra da acção religiosa, ella nunca pôde ser essa obediencia cega, que os nossos antagonistas inculcam fundados em mal interpretadas passagens dos Sagrados Textos.

Nenhum catholico pôe em duvida a rigorosa obrigação, que todos temos em consciencia de obedecer aos ordenamentos justos dos governos legitimos, e todos nós repellimos o principio revolucionario do direito de rebellião contra esses governos. Mas quando vemos diante de nós prescripções manifestamente injustas e contrarias ás leis de Deus e da Igreja, em tal caso a resistencia a ellas é um dever,

méramente quando essa resistencia não passa além dos limites de uma simples recusação de obediencia a taes prescripções. Se os governos, ainda que legitimos fossem em seu principio, deixam de ser christãos, ou o são apenas no nome, se se recusam a conformar as suas instituições e as suas leis com a doutrina da Igreja, quem se atreverá a sustentar que os fieis estejam obrigados em consciencia a obedecer-lhes?

Por ultimo, não podemos deixar de protestar contra a falsa designação de *politica catholica*, com que se pretende decorar essa doutrina obnoxia e contradictoria proclamada pelos escriptores, a quem vimos de redarguir.

Não é ella, nem pôde ser a doutrina dos escriptores catholicos, em cujas obras, quasi todas approvadas pela Santa Sé, havemos estudado a materia. Estes, longe de quererem a politica arreada da religião, proclamam a necessidade de que a religião domine e encaminhe a politica. Falte por todos o illustre Gaume, o qual em uma de suas mais conhecidas obras escreve: «O primeiro dever dos homens publicos é não consentir que nas constituições ou nas leis subsista principio algum revolucionario. Qualquer concessão n'este campo por insignificante que pareça, será a faúlta occulta na cinza, o lobo escondido no aprisco, a porta constantemente meio-aberta a dar entrada ao inimigo. O segundo, não separar nunca, na manutenção da ordem social, a religião da sociedade. Desgraçados dos homens publicos, desgraçada da França e da Europa se persistem ainda na legislação apartada, e na politica apartada.»

Ahi fica pois indicado o que seja a verdadeira politica catholica. E' o principio religioso influindo nas constituições e nas leis; é a religião não se separando nunca da sociedade. O contrario d'isto é a theoria revolucionaria do Estado sem Deus; e os que affirmam que a religião nada tem com a constituição politica de um paiz, poderão ser catholicos convictos, mas merecem bem a qualificação, que lhes dá o «Bem Publico»—não sabem o que fazem nem o que dizem.

D. M. S.

N. B. Acabamos de ler em um artigo sobre a questão, que temos tratado, no jornal a «Palavra», que: «A politica catholica não nos nega o direito de individualmente nutirmos sympathias por esta ou outra dinastia, por esta ou outra fóra de governo.—Como o apreciavel escriptor se não dignou ainda explicar o que seja a tal politica catholica de modo que bem se entenda, não podemos avaliar até que ponto seja exacta a sua asserção. O que sabemos, porém, é que nenhum catholico pôde sympathisar com dinastias enfeudadas á revolução, nem com fórmulas de governo, que na sua essencia contradigam as doutrinas da Igreja.»

o exm.º arcebispo coadjutor.

De uma eloquente oração academica do distincto lente de mathematica da universidade, o sr. Alfredo Peixoto, transcrevemos o seguinte:

« Ao lado de tão distincto candidato está honrando esta universidade e esta cerimonia o illm.º, exm.º e revm.º sr. D. Fr. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, antigo arcebispo de Góa e primaz do Oriente, arcebispo coadjutor e futuro successor de Braga, primaz das Hespanhas, doutor em theologia por esta universidade, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, grã-cruz da de Nosso Senhor Jesus Christo e digno

par do reino. A este venerando amigo offereceu o illm.º e exm.º sr. Francisco da Costa Pessoa a sua — dissertação inaugural —

«Nobre primaz das Hespanhas, conta-se que Moysés, com magica vara, fizera de fraga dura brotar agua para o povo eleito, como a vida faz da flor brotar o fructo. Pois, revm.º prelado, essa mesma vara bem quizera eu agora para d'estas augustas paredes fazer sahir hymnos de louvor e hosannas de gloria. A presença de v. ex.ª n'esta sala, venerando arcebispo, é altissima honra para a universidade, que tem aqui já recebido reis portuguezes e um imperador descendente dos Braganças.

« É v. ex.ª o successor feliz e illustre de tantos prelados bem eminentes na sciencia e na virtude, que têm empenhado o baculo pastoral da augusta Braga, da formosissima diocese em que tive a fortuna de receber a vida para o mundo e o baptismo para o céo. A v. ex.ª está confiada — Deus louvado — aquella primacia da Igreja, que foi um famoso parlamento ecclesiastico, d'onde sahiram sabias deliberções para civilisação de barbaros, onde foram definidas grandes verdades para confusão de herejes e onde finalmente foi reformada a disciplina para a manutenção da ordem. Occupa v. ex.ª o altissimo solio cujo esdendor no magnifico fausto do filho de D. João v augmentou ainda na gloriosa humildade do franciscano Caetano.

« Entre os antecessores de v. ex.ª revm.º arcebispo, brilham na historia da nação e da igreja dous vultos immensamente gloriosos, um honra sagrada do seculo de Képler e Galileo, outro do de Laplace e Lagrange, ambos honra civica d'esta patria de tantos heroes. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres e D. Fr. Caetano Brandão são dous varões illustres para os portuguezes e para os catholicos.

« E para ambos envien Deus escriptores de magica eloquencia. Para D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, symbolo da dignidade christã, veio o inspirado Fr. Luiz de Sousa; para D. Fr. Caetano Brandão, symbolo da caridade christã, veio o nosso querido Silva Gayo, cuja cova é um altar de sandaides para todos nós.

« Na eloquente modestia que tanto elevava este ornamento da universidade, dizia o meu adorado mestre Silva Gayo ácerca de D. Fr. Daetano Brandão: «não tem a minha penna quilates adequados ao encorço de tão grande figura, que não vale menos que a do bispo Myriel dos Miserables.»

« O que hei de pois dizer de v. ex.ª, sr. arcebispo?

« Tem v. ex.ª imitado aquelles dous eminentes prelados.

« Na questão, que não vai longe, ácerca do padreado da monarchia portugueza no Oriente, com o nuncio de Sua Santidade, mostrou-se v. ex.ª successor digno de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. — Bom catholico e bom portuguez é — disse de v. ex.ª, na singela eloquencia da verdade, o sabio ministro o illm.º sr. conselheiro Andade Corvo, energico successor de Martinho de Mello e um dos mais distinctos estadistas de monarchia democratica.

« Ha pouco ainda, a imprensa periodica d'este paiz annunciou de v. ex.ª actos, que bem faziam lembrar a vida de cada dia de D. Fr. Caetano Brandão.

« E que auspiciosas coincidencias entre a vida de tão eminente prelado e a de v. ex.ª, sr. arcebispo!

« Ambos tomaram habito de ordem religiosa, D. Fr. Caetano Brandão o de S. Francisco da terceira ordem da penitencia e v. ex.ª o de Santo Antonio.

« Um e outro foram oradores sublimes e professores inspirados.

« Prelados ambos em vastissimas dioceses d'além mar, nas possessões do Portu-

gal de Vasco da Gama e Pedro Cabral, levaram a fé, a esperança e a caridade a longínquas e selvagens regiões. D. Fr. Caetano Brandão visitou quatro vezes a diocese do Gran-Pará, que abrangia centenas de leguas e cujas paróquias, de grandíssima área, tinham as povoações muito distantes e com habitantes de raça diversa, e uns vencedores, outros vencidos». D. Fr. João Chrysostomo de Amorim Pessoa visitou as igrejas das comarcas de Bardez, Salsete e das ilhas de Goa, as de Senquerim, Cochim, Madrastra, Ceylão, Cranganor e Bengala, ao sul e ao easte de Goa.

«E ambos foram enfim primazes das Hespanhas.

«A sua bênção, sr. arcebispo, é para todos nós um dom do céu.»

REVISTA ESTRANGEIRA

Fronteira de Hispanha 12 de outubro de 1875.

Duas guerras civis, uma crise ministerial na véspera de eleições geraes, um throno occupado por um principe que um movimento militar fez rei, e além de tudo isto «as inquietações e temores do paiz augmentam continuamente de um modo espantoso em consequencia da audacia dos agitadores», diz um jornal ministerial de Madrid, é este o espectáculo que actualmente apresenta a Hispanha.

Acrescentae a tudo isto que a situação de Cuba, é cada vez mais grave.

Respeito aos carlistas, na Catalunha os nossos soldados evitam toda e qualquer exação. No Norte pôde affirmar-se que elles são os mais fortes n'este momento. As hostilidades contra as villas de Guipuzcoa continuam. O coronel d'artilheria sr. Vera, que acaba de passar a brigada, commanda n'esta provincia; o sr. Hormaeche foi nomeado chefe d'outra brigada guipuzcoana.

O inimigo bombardeou hontem as aldeias de Usurbil, Lasarte, Urnieta, Esqobia e Astigarraga para se vingar do bombardeamento de Hernani, de Guetaria, e de S. Sebastião. D'estas cinco aldeias, Urnieta é a que mais soffren.

Ante-hontem á noite, os carlistas de Lastola foram pelas 8 horas aos arrabaldes de Irun, proximo á cidade. Os liberaes estavam occupados em celebrar a festa em honra de Irun a heroica, como acaba de a baptisar o governo. Os carlistas entraram n'uma casa de jogo e levaram a roleta e outros objectos.

—Hendaya 12.—O bombardeamento de S. Sebastião tornou a começar.

O rei com o general Perula, o duque de Parma e o conde de Caserta passou para o lado dos Arcos com uma escolta.

—Fronteira de Hispanha 10.—O general Berriz foi nomeado ministro da guerra.

O duque de Parma chegou a Tolosa. Nota-se grande movimento no exercito carlista.

Dois batalhões chegaram a Estella.

O rei visitou a linha avançada de Dicastillo.

O 1.º batalhão d'Alava de 800 homens chegou hontem a Tolosa pelo caminho de ferro de Vera.

O brigadeiro Caverio foi nomeado marchal de campo.

—O sr. D. Ramon Urdapilleta, filho do celebre chefe de miqueletes da Guipuzcoa do mesmo appellido, dirige-nos o seguinte communicado que a justiça nos obriga a publicar.

O sr. Urdapilleta acaba de offerecer os seus serviços á santa causa do rei legitimo, e ao fazer publicos os seus sentimentos e dar certa solemnidade aos seus novos compromissos, claro é, que deseja ser julgado pelas suas manifestações de hoje e seus feitos d'amanhã, que esperamos serão taes que desvançam todo o genero de prevenção e toda a sombra de receio, ainda nas pessoas mais desconfiadas.

Diz assim a carta do sr. Urdapilleta:

«Sr. redactor do «Quartel Real»

«A honra é a joia mais preciosa para todo o homem honrado e que de tal se preza, e tendo sido a minha recentemente manchada, pondo em duvida a minha adhesão aos santos principios da legitimidade, por pessoas que me conheceram hontem, desejo que estas links vejam a luz publica nas columnas d'esse jornal, de que dignamente está encarregado, para que ellas e a Guipuzcoa inteira me conheçam hoje.

«Moço ainda e sem mais experiencia

do que a que me concedia a minha idade, empreendi a carreira das armas no anno de 1872, servindo ás ordens de meu pae, então chefe do corpo de miqueletes da Guipuzcoa. Publicos foram os desgraçados actos d'este corpo na provincia, e creio cumprir um dever de tornar publicos os meus. A acção de Villabieta tão gloriosa para as armas carlistas, como funesta para as liberaes, me decidiu a deixar as fileiras d'estes na península, marchando a defender a integridade nacional no exercito de Cuba.

«N'aquella formosa terra, rico florão da corda dos nossos reis e só pasto hoje dos seus mercadores, os homens da revolução, longe do lar paterno e proximo do perigo, comecei a ser hispanhol, e acabei por ser homem.

«Uma e mil vezes vi baterem-se ao meu lado os voluntarios carlistas, que, prisioneiros de guerra, iam alli verter o seu sangue pela patria, depois de n'ella o terem derramado pelo seu rei. Elles me traçaram com o seu heroismo a senda que devia seguir; elles me inspiraram com as suas virtudes a fé que devia ter; elles despertaram em minha alma, com a sua aboegação e patriotismo, os sentimentos religiosos, até então um tanto adormecidos. A consciencia me dictava que devia imitar o seu exemplo, e a razão me dizia que não devia demoralizar-me; assim é que saltando os muitos inconvenientes que, para a realisação da minha empresa, se apresentaram, separei-me d'aquelle exercito sulcando gostoso os mares com a esperanza de me cobrir em breve com as largas pregas da santa bandieira que sustenta e arvora o mais valente dos soldados, o mais completo cavalheiro, o mais catholico dos soberanos, S. M. El-Rei nosso Senhor D. Carlos VII, (q. D. g.)

«Hoje que graças á Providencia tenho chegado a este solo classico da lealdade, hoje que pizo de novo estas montanhas regadas com o sangue de tantos martires da legitimidade hispanhola; hoje, enfim, que me acho entre os soldados da fé, para ser, ainda que indigno, o ultimo d'elles, disposto venho a occupar o logar que por meus escassos meritos S. M. se digno marcar-me, disposto venho a defender, enquanto minhas forças possam a causa santa de Deus, Patria e Rei.

Da minha conducta e da minha profunda adhesão á causa de S. M. El-Rei nosso Senhor D. Carlos VII (q. D. g.) responderão os factos e no entretanto, a minha honra de militar, a minha consciencia e a minha palavra de cavalheiro.

Com esta causa sou etc.

Ramon Urdapilleta.

—Lê-se no «Quartel Real»:

Foi-nos remettida para lhe darmos publicidade a seguinte carta, cujo conteúdo prova uma vez mais o amor que S. M. professa pela justiça, base de todo o governo justo.

O general Dorregaray, por quem S. M. sempre professou grande estima, deseja justificar a sua conducta, e El-Rei justiciero primeiro que tudo, lhe concede a sua justificação.

Os nossos commentarios são inuteis ante a linguagem digna e magestosa da carta, que é como segue:

«Meu caro general: Recebi a vossa carta datada de 3, na qual me pedis um conselho de guerra para justificar a vossa conducta no centro.

«Lucto pela justiça, e portanto accedo ao vosso desejo, para vos manter o apreço de que vos fizestes crédor por vossos serviços anteriores, ou para vos applicar o peso da lei como ao ultimo dos meus vassallos.

«Deus vos guarde, como o deseja o vosso Rei—Carlos.

«Quartel real de Estella 7 d'outubro de 1875.»

—D. Carlos dirigiu a seguinte carta ao director interino do seminario vasconavarro:

Recebi o convite que, como director interino do seminario vasconavarro, e em nome dos professores do mesmo, me fez V. para presidir á abertura do curso academico de 1875 a 1876, no qual vae inaugurar essa escola os seus trabalhos scientificos e litterarios.

Se as operações militares a que estou entregue derem alguma tregua, gostosamente irei presidir áquelle acto solemne; pois, como rei de uma nação catholica, devo prestar e prestarei sempre respeitosa homenagem á sciencia illuminada pela luz do catholicismo, unico manancial

da liberdade verdadeira e do verdadeiro progresso.

Se, contra o meu natural desejo, não poder assistir, sirva-vos ao menos de satisfacção a todos, e a cada um dos professores e discipulos o prazer com que vejo os vossos trabalhos e adiantamentos, e não esqueças que, para regenerar a minha amada Hispanha, necessitarei, primeiro que tudo, de uma mocidade crente e illustrada, que me ajude n'aquella grande quanto difficil empreza.

Que Deus o guarde, sr. director e o illumine em seus trabalhos, são os desejos do seu affectuosissimo

CARLOS.

Quartel Real de Estella, 26 de setembro de 1875.

GAZETILHA

Jury.—Os individuos, que teem de constituir o jury que na segunda epocha do corrente anno hade julgar os candidatos ao magisterio primario, n'este districto, são os seguintes:

Presidente—Luiz da Costa Pereira, commissario dos estudos.

Vice-presidente—Julio Celestino da Silva, professor do lyceu.

João Manoel Correia, professor do seminario.

Francisco Lopes Gonçalves.

Domingos Antonio Pinto dos Reis Barreto.

José Antonio Rebello da Silva.

Antonio Francisco Martins.

Maria Carlota de Freitas Lemos.

Maria José Soares Pinto.

Anna Maria de Sousa.

Lista.—Um cavalheiro nosso amigo enviou-nos, para lhe dar publicidade, a seguinte lista casararia:

Dr. João Carlos Pereira Lobato, proprietario.

Dr. Antonio José Pimenta Gonçalves Junior, advogado.

Antonio José Antunes Reis, proprietario.

José Joaquim Correia d'Araujo, idem.

Domingos José Soares, idem.

José Maria Lima da Silva, negociante e proprietario.

Manoel José Vieira, escultor e proprietario.

Capta de Paris.—Por falta d'espaco não damos hoje a carta do nosso esclarecido correspondente de Paris.

Hospede illustre.—Chegou ha dias a esta cidade o ex.^{mo} sr. D. Miguel Sotto-Maior, nosso distinctissimo collaborador, e um dos mais doutos escriptores catholicos portugueses.

Operação.—No dia 14 foi, com bom exito, operado d'um cancroide implantado no queixo superior, o sr. José Maria Nunes de Castro, de Monsão.

O operador foi o ex.^{mo} Alves Passos, assistido por seu filho.

O sr. Alves Passos é um dos primeiros, se não o primeiro, dos operadores d'este paiz.

Casa de saude.—Lê-se na correspondencia d'esta cidade para a «Religião e Patria», de Guimarães:

Os distinctos facultativos Alves Passos, pae e filho, vão estabelecer aqui uma casa de saude com todas as commodidades e requisitos indispensaveis para o bom tratamento dos enfermos. A creação d'este estabelecimento é determinada pela affluencia de doentes que correm a esta cidade atraídos pela fama dos distinctos operadores e facultativos que ha n'ella, e pela falta, que cada vez mais se nota, de uma casa ou hospital apropriado para o tratamento d'elles em condições noímaes.

É um utilissimo melhoramento, que ansiosamente desejamos ver realisado.

Outra.—Lê-se no mesmo jornal:

A' iniciativa do sr. José Joaquim Pimentel Lobo, ex-cirurgião-mór d'infanteria 3, e residente n'esta cidade, vae de-ver a povoação das Caldas de Visella um melhoramento de grande importancia.

É n'aquella povoação que o sr. Lobo, conjunctamente com um distincto medico da cidade do Porto, resolveu estabelecer uma casa de saude, que proporcione aos seus concorrentes todas as commodidades indispensaveis e as vantagens que se adquirem em estabelecimentos d'esta ordem.

Asseveram-nos que já está alugada a competente casa, e que muito breve vao principiar as necessarias obras, devendo, portanto, estar aberto ao publico este estabelecimento no proximo mez d'abril.

Fogo no rio.—É o grito que fre-

quentemente se ouve no Rio Verde, em Indiana (America do Norte), quando as aguas estão baixas. E parece haver rasão para o soltar, pois os barcos de vapor se vêem rodeados de chammaz azuladas, muitas vezes perigosas. Diremos a causa de tão singular e curioso fenomeno. Está coberto o fundo do rio com uma camada de materias vegetaes que tem uns poucos de pés de altura, a que deve o rio a cor e o nome. Quando as aguas estão baixas, os barcos de vapor agitam aquella massa, da qual se exhalam gazes inflammaveis. Se algum apparece com uma luz em cima da tolda, é um momento em quanto o incendio se manifesta no ar, aterrando por extremo os passageiros. A maior parte das vezes, para que o gaz se apague por si proprio, basta mandar parar a embarcação.

Barometro de sanguessugas.—Ignora a maior parte das pessoas que teem as sanguessugas a propriedade de sentirem, desde os seus primeiros symptomas, as perturbações electricas e magoeticas da athmosfera. Assim que entram em lucta as electricidades terrestre e celeste, perturbadas as sanguessugas em sua habitual somnolencia, principiam a agitar-se, e a mover-se vivamente na agua. Um sabio inglez, o doutor Merryweather, soube tirar proveito d'estas evoluções.

Poz em circulo doze garrafas dentro d'um tableiro, em cujo centro estava uma columna e no alto d'ella uma campainha. Prendeu doze martellinhos de metal á roda d'esta, por meio de doze correntes muito leves, e postas em communicação, pelo outro extremo, com corpos mergulhados na agua das garrafas, em que havia tambem certo numero de sanguessugas. Assim que estas se acham sub á influencia em que acima fallamos, principiam a mover-se vivamente, agitam o corpo mergulhado no interior de cada garrafa, e tocam os martellinhos na campainha, com tanta mais força, e com tanta maior frequencia, quanta maior é a agitação das sanguessugas.

Este barometro de novo gosto tem uma grande vantagem sobre os barometros ordinarios, e vem a ser, prognosticar as tempestades, não alguns minutos antes, mas com anticipação d'horas, o que é de grande interesse tanto para a navegação como para a agricultura.

Anedoctas.—Um homem impertinente, d'estes que entram nas salas sem grandes direitos para lá serem admitidos, conversando com uma senhora espirituosa, teve a simplicidade de lhe perguntar quantos annos tinha.—Ai! eu sou muito antiga sr. F., respondeu-lhe ella: sou ainda do tempo em que era má creação perguntar pela idade a uma senhora.

—Estava um sujeito respeitavel sentado entre dois mancebos mal creados e extravagantes, que se divertiam a escarnecel-o.—Olhem, meus meninos; vejo que não sabem quem eu sou, e desejo que me conheçam: não sou nem um fatuo sem educação, nem um mal creado tolo; o meu logar é entre ambos.

—Um homem muito presumido, e que se gabava de guardar bem os segredos, disse em uma roda de damas:—posuo esta qualidade preciosa em tão alto grau, que em eu gostando d'uma senhora, ninguem é capaz de o sonhar; nem ella!

—Alguem perguntava a um individuo—Então a senhora sua mana já teve o seu bom successo?—É verdade, agora mesmo me mandou ella dar parte.—Foi menino ou menina?—O criado não soube explicar-m'o; por ora inda não sei se sou tia ou tio.—[Combricense].

Grande desastre.—Na segunda-feira pelas 2 horas da noite, junto á Quinta de S. Silvestre, proximo das Matados, despenhou-se n'uma rampa da estrada, o carro do correio, que seguia para Vizeu, ficando todos os passageiros, que eram uns 14, gravissimamente contusos, e feridos, e um com o terço interior do femur fracturado, e que conduziram ao hospital civil de Vizeu, em um carro de bois.

Este grande desastre, cujas consequencias podiam ser bem mais funestas, deve-se, ao facto de ir o cocheiro a dormir!

Temporal.—Escrevem de Philadelphia, que nos ultimos dias de setembro um temporal acontou violentamente o litoral do golfo e causou os maiores desastres em Galveston.

Seis navios afundiram-se dentro do porto.

A ponte do caminho de ferro que atravessa a bahia ficou cortada em varios pontos.

O prejuizo foi avaliado em um milhão de dollars.

Não foram, porém, estes os unicos estragos ocasionados pela porcella.

O vapor «Australian», que ia carregado de algodão para Liverpool, tendo-se feito ao largo, foi despedaçar-se a sessenta milhas ao oeste de Galveston.

Salvou-se a equipagem.

Os «Roques» d'alem. — O «Diario de Noticias» publica hoje o seguinte precioso trecho de eloquencia para instrução do povo:

«Commetteu-se ante-hontem um crime, insignificante, se olharmos á pouca importancia do damno causado, que foi apenas 1\$200 reis, mas enorme sob o ponto de vista moral. Um moço de fretes e um aguadeiro quebraram com uma pedra o barril de um collega. Se um lavrador quebrar a enxada do outro, o instrumento sagrado do trabalho, pratica um delicto enorme. Um aguadeiro, escangalhando o barril de outro, destroe um symbolo augusto. O barril é a sua enxada, o seu ganha pão. Deve respeitar-se como a um instrumento venerando.»

De sorte que d'aqui em diante a criada que chamar um aguadeiro, para prover de agua a casa, exclamará da janella: — O aguadeiro «quer despejar o symbolo augusto por um vintem»?

Já se vê que se o barril do aguadeiro é um symbolo augusto, todo o barril será um symbolo, embora não augusto; portanto o barril do lixo deve ser considerado um symbolo, e muito mais que o barril do aguadeiro, tirado o tampo, pôde servir para o lixo, o qual, assim, será depositado n'um instrumento venerando, visto que também o eloquente jornalista dá esta qualificação ao barril do aguadeiro.

O outro dia dizia nos que a chuva não é chuva, nem cae das nuvens; são vapores aquosos colhidos pelo vento suddeosto na sua travessia pelo oceano Atlantico; hoje ensina-nos a considerar o barril do aguadeiro como um symbolo augusto e um intrumento venerando, e logo logicamente nos mostra que o barril do lixo, se não é symbolo, é instrumento, e se não é augusto, é venerando.

Na reforma do codigo penal é necessario prever o enorme crime de escangalhar um symbolo augusto, impondo aos que praticarem tal crime enormes penas.

Então, são ou não os verdadeiros immortaes .. na tollice?»

(Jornal do Commercio)

A catastrophe de «Bager». — Por noticias de Copenhague (lê-se na «France» de 10 do corrente) sabem-se alguns promenores da catastrophe que succedeu ao paquete «Bager», procedente de Lubeck para Copenhague no domingo ás 4 horas da manhã, á entrada da bahia de Kjager. Tinha partido de Lubeck no dia 3 de outubro, levando a bordo 30 passageiros, em grande parte do sexo feminino. A tripulação compunha-se de 14 homens, sem contar 3 cosinheiros. No convez achava-se um certo numero de vasilhas que, segundo se tinha declarado, deviam conter glicerina, mas de facto continham petroleo.

O capitão acha-se no convez, quando de repente algumas das vasilhas rebentaram incendiando-se o contheúdo. Successivamente inflamaram-se todas e em alguns instantes a prôa do navio separava-se da ré por um mar de chammias; apenas o grito: fogo! se ouviu, todos os passageiros de camara, entre os quaes muitas mulheres, se precipitaram no convez embaraçando o capitão e os officiaes e augmentando assim as difficuldades de salvacao.

Quando finalmente se conseguiu arrear um bote toda a gente entrou n'elle com tanta precipitacao que o bote virou-se. Um só passageiro, que teve bastante sangue frio para permanecer ao lado do capitão, pôde salvar-se. O proprio capitão, ainda que gravemente queimado, pôde salvar a vida.

Julga-se que os passageiros de segunda classe que estavam na camara de prôa morreram asfixiados ou queimados. Oito marinheiros da tripulacao afogaram-se quando o bote virou. O vapor encalhou perto da costa em quatro braças de agua. Procuram-se os cadaveres dos individuos que se julgavam terem morrido queimados a bordo.

Atestado curioso. — Lê-se no «Jornal da Noite»:

«Attesto e sertifico que tratei do minore Alferedo que tem na mão a ama Maria da Conceição do termo Camisão cazada com João paulos, o qual minore padecceu da enfermidade de quenhras de sange juntamente subrebeilhe toçe conflamatoria, a

qual hoje vae indo mllhor, e como a ama tem conprido con os deveres que lhe são dados por iço lhe paei o presente que aseigno ouje, 25 de Abril de 1875.

O professor

F.

Isto se não é de mestre Roque, parece-o.

SUBSCRIPÇÃO

Acha-se aberta uma subscrição para socorrer uma familia honesta, composta de duas senhoras, que, tendo vivido na abastança, se acham agora, pela contingencia da sorte, reduzidas a extrema miseria.

Implora-se a caridade publica para adocar a penosa situacao d'aquellas injelizes.

Os donativos podem ser entregues no escriptorio da administração d'este jornal, rua Nova, n.º 3.

N'esta redacção se acham á venda photographias do Senhor D. Miguel, chegados recentemente da Alemanha.

PREÇOS

As pequenas 160 réis.
As maiores 300 réis.

AGRADECIMENTOS

Antonio Joaquim Loureiro, Manoel José Marques, Narciso José Marques, José Antonio Marques e Bernardo José Fernandes Carneiro, agradecem a todas as ill.^{mas} e exc.^{mas} pessoas que por occasião do sentido fallecimento da sua muito presada esposa, filha, irmã e cunhada, Anna Emilia Marques Loureiro, os cumprimentaram e prestaram os seus serviços, bem como a todos os ill.^{mos} e exc.^{mos} snrs. que assistiram aos officios funebres na egreja da Misericordia no dia 16 do corrente e acompanharam ao cemiterio, a todas agradecem e protestam seu grato reconhecimento.

Domingos Antonio Gomes Borges, e seu irmão Feliciano Gomes Borges, sumamente penhorados para com os ill.^{mos} snrs. que se dignaram assistir aos officios funebres de seu presado thio o revd.^o padre José Borges, e na impossibilidade de agradecer-lhes pessoalmente como deviam, veem por este meio protestar a todos a mais indellevel gratidão e profundo reconhecimento. (2757)

ANNUNCIOS

ANTONIO ALVES DOS SANTOS COSTA

DA RUA DA SÉ

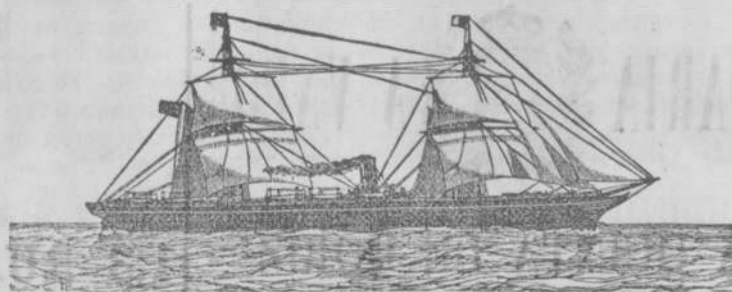
TEM PARA VENDER

EUCALYPTUS GLOBULUS

(2760)

CASAL

Vende-se na Povoia de Lanhoso e logar d'Arrifana o casal denominado d'«Alem» com todas as suas pertencas, livre de fóro ou penção. Dirigir-se ao proprietario ali, ou nos Chãos de Baixo, n.º 6. (2759)



COMPANHIA REAL INGLEZA

DE PAQUETES A VAPOR CARREIRA QUINZENAL

Paquetes a sair de Lisboa:

MONDEGO . . . 29 de Outubro	NEVA . . . 13 de Dezembro
ELBE . . . 13 de Novembro	GUADIANA . . . 29 de "
MINHO . . . 29 de "	DOURO . . . 13 de Janeiro

O paquete de 13 toca em S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos-Ayres.

O paquete de 29 toca em S. Vicente, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos-Ayres.

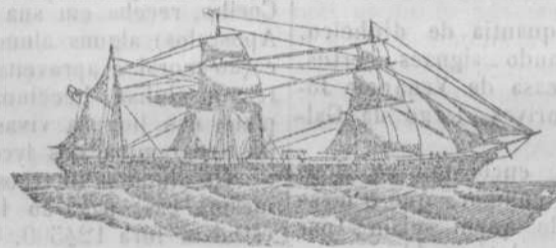
Os preços são muito rasoaveis

Esta companhia para maior vantagem, resolveu ter a bordo de todos os seus vapores, criados e cosinheiros portuguezes para servirem os passageiros de todas as classes, cujo tratamento se torna hoje o melhor possível. Cada passageiro de 3.^a classe tem gratis, belixe com colchão e roupa de cama, vinho e comida á portugueza, tudo em abundancia. O transporte do caminho de ferro até Lisboa é por conta da companhia bem como outras despesas.

Para mais esclarecimentos prestam-se em casa do agente n'esta cidade, rua do Souto n.º 43. — Em Braga.

João Manoel da Silva Guimarães. (V*)

Carreira semanal



A's quartas feiras

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO PACIFICO

Rio de Janeiro, Montevidéu, Buenos-Ayres, Valparaiso, Arica, Islay e Callao

CARREIRA QUINZENAL PARA PERNAMBUCO E BAHIA

A Companhia reduziu os preços, conservando as mesmas vantagens como até aqui tem offerecido aos snrs. passageiros: excellentes commodos, bom tratamento, bastante espaço para bagagens e viagens rapidas, pois que os Paquetes do Pacifico tem gasto sómente 13 dias de Lisboa ao Rio de Janeiro.

Preços das passagens incluindo o caminho de ferro do Porto para Lisboa

	3.ª CLASSE	2.ª CAMARA	1.ª CAMARA
Pernambuco	40\$000	81\$000	108\$000
Bahia	40\$000	90\$000	117\$000
Rio de Janeiro	45\$000	90\$000	121\$500
Montevideo e Buenos-Ayres.	54\$000	90\$000	137\$500
Valparaiso, Arica, Islay e Callao	126\$000	189\$000	308\$500

Crianças dos passageiros

Até aos 12 annos meia passagem. Até aos 8 annos a quarta parte. Até aos 3 annos gratis, uma só de cada familia.

Todas as terças feiras sahirá de Lisboa um paquete, os passageiros de 3.^a classe teem belixe com colchão e roupa, comida a portugueza em abundancia e vinho duas vezes por dia

AGENTES EM BRAGA—Almeida & Pereria.

Trata a passagem a pagar á vista e a prazo com fiança. (K*)

AVISO

Banco agricola e industrial da Extremadura

São convidados os snrs. accionistas d'este Banco a fazerem a 4.^a entrada de 2) por cento, ou 10\$000 reis por accção desde o dia 2 a 6 de novembro proximo.

Porto, séde do Banco, Praça de Carlos Alberto n.º 92.

Lisboa, rua dos Bacalhoeiros—51—casa de David Gonçalves Chaves.

Braga, casa de João Baptista Lopes.

Ao senhores accionistas que quizerem fazer nos referidos dias a 5.^a e ultima entrada de 20 por cento ou 10\$000 reis por accção, lhes será n'esse acto abonado um por cento do juros pelo adiantamento do pagamento d'esta ultima entrada.

Em conformidade com o art. 56 § unico dos estatutos d'este Banco, previnense os snrs. accionistas que não fizerem a entrada dentro do prazo marcado, que te-

rão a pagar mais um por cento, por mez pela demora da entrada ou entradas em falta.

Porto 14 d'outubro de 1875.

Os directores,

Eduardo Lyon
Felix Placido Sande
Eduardo Ribeiro Mendes.

(2749)

ALUGA-SE

Um piano forte. Para tratar, no campo de D. Luiz I, n.º 1 (entrada da rua dos Capellistas.) (2734)

Fava especial da ilha de S. Miguel

Este legume, geralmente usado para penso de gado cavallar, muar e mesmo bovino, é de uma optima nutrição.

Grande deposito a preços rasoaveis; Cima do Muro (dos bacalhoeiros) n.º 77, Porto. (2748)

